

Escravismo: um crime sem fronteiras – uma expressão da crueldade sádica da criatura humana

Diva Aparecida Cilurzo Neto¹, São Paulo.

Resumo: o presente trabalho objetiva refletir sobre um dos fatores psíquicos desencadeadores e sustentantes do escravismo: a crueldade sádica. Para tanto, faz-se, inicialmente, um breve relato sobre o “escravismo no Atlântico” e o “escravismo moderno”. Na sequência, abordam-se dois ângulos do sadismo descritos por Freud (1915/1996a): o primário e o perverso, cujo âmago é a crueldade, a destrutividade e a pulsão de morte. Dando continuidade ao estudo, volta-se ao “desvio” pulsional denominado perversão. A partir dos estudos de Freud, Arendt e Roudinesco, buscam-se elementos capazes de esclarecer o funcionamento perverso, sua manutenção e gozo, assim como a irresponsabilidade e a banalidade que permeiam o mal praticado no escravismo em guerras, em massacres ou nos holocaustos. Por fim, questiona-se o trinômio: cultura, progresso e manutenção da barbárie, na essência do homem contemporâneo.

Palavras-chave: escravidão; crueldade sádica; sadismo primário; perversão.

Deus! ó Deus! onde estás que não respondes?
Em que mundo, em qu'estrela tu t'escondes
Embuçado nos céus?
Há dois mil anos te mandei meu grito,
Que embalde desde então corre o infinito... Onde estás,
Senhor Deus?

(Alves, 1870/2010)

¹ Psicóloga. Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

Introdução: escravidão, uma violação dos direitos humanos, um “crime contra a humanidade”

A *Declaração universal dos direitos humanos*, criada pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) em 10 de dezembro de 1948, inaugura uma nova concepção internacional da convivência coletiva. Enquanto carta organizadora humanitária, ela outorga ao homem o direito de ter direitos. De maneira protetiva, este documento vem a regulamentar, tanto no âmbito nacional como internacional, o direito à vida, à liberdade e à integridade orgânica, moral e psíquica.

Dentre os vários itens que a compõem, é no artigo 4º que encontramos a proibição a um dos maiores crimes contra a humanidade: a escravidão. É o que se observa: “Ninguém será mantido em escravatura ou em servidão; a escravatura e o trato dos escravos, sob todas as formas, são proibidos” (ONU, 1948, art. 4º).

Apesar deste princípio humanitário de justiça e paz reconhecer que a dignidade, a liberdade e os direitos iguais são inerentes a todos os homens, podemos constatar que a humanidade e o indivíduo continuam cometendo genocídios, escravismos e massacres físicos e psíquicos. De forma criminosa, povos, grupos ou pessoas tentam aniquilar uns aos outros.

Seus motivos étnicos, financeiros, religiosos, territoriais, bélicos ou psíquicos são apregoados como boas justificativas para a externalização maciça da violência e da crueldade. Como espólio deixam uma fábrica de cadáveres, ou de molambos humanos sem nome, sem-terra, sem identidade ou individualidade. Como nos fala Arendt (1973/2012): “Morta a individualidade, nada resta senão horríveis marionetes com rostos de homem...” (p. 613).

Mediante tal esclarecimento e conceituação sobre os direitos humanos, como compreender um regime que, no passado, reuniu nações por centenas de anos em uma matança vultosa, e que perdura até os dias de hoje?

Não há dúvidas de que há diferentes prismas pelos quais o escravismo pode ser analisado e até mesmo explicado, porém, pretendo me ater a um dos fatores psíquicos que acredito ser o sustentáculo do escravismo: a crueldade sádica. Ancorada no vértice psicanalítico, abordo dois ângulos do sadismo: o sadismo primário e o sadismo perverso, ambos descritos e estudados por Freud (1905/1996, 1915/1996a, 1915/1996b, 1919/1996, 1920/1996, 1924/1996), durante grande parte de sua obra, e por grandes ícones da Psicanálise.

Primeiras noções

Escravo é aquele que não pode dizer o que pensa.

–Eurípedes

Iniciada na Idade Antiga na Europa e na Ásia (*Bíblia de Jerusalém*, 2012, Ex 22:2-3, Dt 21:10-11), há milhares de anos antes do comércio pelo Atlântico, a escravidão foi, é, e sempre será um grande holocausto do humano. De diferentes formas, nega a profundidade do ser ao roubar do indivíduo sua responsabilidade, consciência, liberdade e dignidade, reduzindo-o à miserabilidade de um molambo.

Considerada um crime contra a humanidade, a escravidão tiranizou mais de doze milhões de pessoas, ao longo dos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX.

Praticada pelos principais impérios e reinos da Idade Média e Contemporânea, ou seja, Portugal, Império Britânico, França, Espanha e Holanda, desencadeou a morte de mais de quatro milhões de pessoas, manchando com isso a história destas nações de forma irreparável.

Embora a escravidão já existisse na África antes da chegada dos europeus, foi a partir do século XV com a exploração das costas

africanas pelos portugueses e a descoberta das Américas que ela toma vulto. Iniciada com a proposta lusa de cristianizar vários reis do Congo/África, lentamente muda seu escopo. Os missionários vão sendo substituídos por soldados que capturavam tribos inteiras e as entregavam aos comerciantes nativos e europeus, a mando das Coroas. Foi assim que se inaugurou o negócio mais rentável até então conhecido: o tráfico de escravos.

Guiné, Angola, Bantus, Sudão, Costa da Mina, entre outras nações africanas, foram as mais expropriadas de seus nativos. Retirados de sua cultura, de sua organização social, de seu mundo, africanos eram atirados a “currais provisórios” (Pinsky, 1988/2018, p. 37), os navios negreiros, ou, como eram também chamados, navios tumbeiros. Neles, homens, mulheres e crianças eram espremidos uns contra os outros, vomitando e defecando em seus lugares, perdendo assim sua subjetividade e sua humanidade, sendo reduzidos à condição de mercadorias precíguas e abjetas.

Pouco a pouco se iniciava o holocausto africano ou *Maafa* (o grande desastre), ou seja, a saga de dor e sofrimento de um povo, de etnias, clãs, línguas, costumes e religiões diferentes, cujas vidas haviam se transformado em um inferno. Reunidos em bandos heterogêneos, estes farrapos humanos, com pouquíssima comunicação devido às disparidades tribais, se viam perdidos em um ambiente de crueldade, em um claustro onde o abandono e o medo imperavam. É o que ilustra a literatura épica:

Quem são estes desgraçados
Que não encontram em vós
Mais que o rir calmo da turba
Que excita a fúria do algoz?
...
São guerreiros ousados
Que com tigres mosqueados
Combatem na solidão.

Ontem simples, fortes, bravos.
Hoje míseros escravos,
Sem luz, sem ar, sem razão...
(Alves, 1869/2016)

Com o passar dos anos, a escravidão tinha se estabelecido como uma casta racial. Propriedades de seus senhores, os cativos viviam agrilhoados em uma condição de miséria e horror indescritíveis. Eram a força de trabalho imperial e colonialista nas minas de ouro, prata ou pedras preciosas, nos serviços domésticos ou nas lavouras de cacau, tabaco, açúcar, algodão e café. Vítimas de abusos, de trabalho árduo, de miserável alimentação e de doenças, os escravos morriam aos milhares.

Centenas de anos se passaram sob o império do obscurantismo escravagista até a estrutura maligna escravocrata começar a perder força para a dignidade e para a responsabilidade sobre os atos cometidos e/ou consentidos. “O mal, pode cobrir e determinar o mundo inteiro precisamente porque se espalha como um fungo na superfície. Essa é sua banalidade. Porém apenas o bem tem profundidade e pode ser radical” (Arendt, 1961/2018).

Um dos primeiros sinais de reação ao mal escravagista surge na Grã-Bretanha, que, pressionada por grupos humanitários, proíbe a escravatura em 1807. A partir de então, por meio de seus diplomatas e de sua soberania econômica, o Império Britânico começa a pressionar as outras nações para proibirem o tráfico e o regime escravocrata. Lentamente as nações começam a se posicionar e, imbuídas de princípios de humanidade, justiça e moralidade universal, bem como de medo da retaliação imperial, iniciam o movimento de fim desse regime hediondo.

Escravidão contemporânea

A violência não cessou, a escravidão não diminuiu, testemu-

nhas continuam sendo assassinadas e a justiça ainda está por ser feita. ... O caminho é longo. (“Dodge chora e diz...”, 2018, pará. 6)

Apesar deste repulsivo crime cometido contra os africanos ter tido seu fim oficial no século XIX, o trabalho escravo não cessou. A escravidão contemporânea existe ainda hoje em cerca de 162 nações, contando a África com 29,8 milhões de escravos, Paquistão e Índia com 14 milhões e a Rússia com 3,2 milhões. Considera-se, inclusive, a existência de mais de 2 milhões de escravos distribuídos entre diversos outros países da Europa, Ásia e América.

Não obstante os esforços das autoridades brasileiras há duas décadas, o Brasil também se encontra incluído neste terrível *ranking* em 94º lugar (Previdelli, 2013). Como nos fala a ex-procuradora-geral da República, Raquel Dodge (citada em “Ainda existe escravidão no país...”, 2018):

a escravidão moderna no Brasil é a nódoa mais marcante decorrente daquela escravidão legalizada durante o Império. Não é mais oficial, porque é proibida por lei, que a trata como crime. Contudo, seu debelo é árduo e sua persecução penal difícil. (pará. 4)

De acordo com órgãos especializados (Walk Free Foundation, 2018), o escravismo moderno alicia e aprisiona em condições sub-humanas mulheres, homens e crianças, sendo estes obrigados, de forma cruel e desumana, a executar diferentes tipos de trabalho. Os escravos da atualidade são forçados a atuar em atividades que vão da mendicância ao trabalho da pesca ilegal, do serviço rural como o cultivo da maconha à atividade industrial como o executado em oficinas clandestinas ou em olarias, do garimpo ao escravismo sexual de jovens e crianças.

Mediante tais dados, percebemos que a convivência de alguns

países com esta estrutura maligna persiste. Conformando-se ou até mesmo autorizando, alguns povos ou Estados permitem a prática deste mal, aceitando padrões de moral duvidosa e conduta brutal. Seja por motivos econômicos, territoriais ou religiosos, indivíduos são massacrados psíquica e fisicamente, evidenciando-se crueldade e desumanização. Como nos fala Freud (1915/1996b): “Quando a comunidade não levanta mais objeções, verifica-se também um fim à supressão das paixões más, e os homens perpetram atos de crueldade, fraude, traição e barbárie tão incompatíveis com seu nível de civilização, que qualquer um julgaria impossível” (pp. 289-290).

Diante do apresentado questiona-se: qual seria o princípio fundante de tamanha crueldade?

De acordo com Nietzsche (1881/2008), “A crueldade é um dos prazeres mais antigos da humanidade”.

Definida e compreendida de diferentes formas, expressa em diferentes contextos, a crueldade se revela no comportamento humano desde o princípio dos tempos. Seja por pensamentos, obras ou palavras, ela mostra um lado do humano que evidencia uma natureza bárbara.

Crueldade: reflexo da dominação sádica

O homem, unicamente por ingratidão e pasquinada, há de cometer alguma ignomínia. Vai ... desejar, intencionalmente, o absurdo mais destrutivo, o mais antieconômico, apenas para acrescentar a toda esta sensatez positiva o seu elemento fantástico e destrutivo. Desejará conservar justamente os seus sonhos fantásticos.

–Fiódor Dostoiévski, *Memórias do subsolo*

Onde a crueldade principia e como se desenvolve é o que se objetiva compreender melhor. Para este estudo, não há que se falar em embasamentos mais profundos e cristalinos para iluminar os

caminhos tortuosos pelos quais a dominação e a crueldade sádica percorrem do que os oferecidos pela Psicanálise.

Embora as pesquisas psicanalíticas sobre a mente humana tenham começado em 1885, somente em 1905 Freud começa a caminhar pelos labirintos da violência e da crueldade. Em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (Freud, 1905/1996), o autor inaugura um dos estudos mais controversos em sua teoria, qual seja, a conjunção da sexualidade com a violência e o poder. A esta forma de prazer nomeia sadismo e masoquismo.

No referido texto, o autor não se detém somente em definir de maneira detalhada o sadismo e o masoquismo enquanto perversão; ele nos apresenta a dinâmica que rege a organização pré-genital da libido e nos alerta para a presença do funcionamento sádico e masoquista no desenvolvimento psicosssexual. Como afirma Freud (1905/1996): “O sadismo e o masoquismo ocupam entre as perversões um lugar especial, já que o contraste entre atividade e passividade que jaz em sua base pertence às características universais da vida sexual” (p. 150).

A partir desse saber, o conhecimento do funcionamento sádico começa a ser ampliado, chegando à tese de *o par de opostos*: sadismo e masoquismo terem suas primeiras manifestações, nos primórdios da vida psíquica², serem complementares, interdependentes e possuírem destinos, finalidades e conteúdos ambivalentes. O psicanalista aclara que se por um lado o destino, a finalidade (ativa e passiva) e o conteúdo (amor e ódio) dessa perversão podem ser favoráveis e constitutivos ao desenvolvimento da sexualidade infantil, isto é: “a partir dela, [da perversão] em consequência de modificações orgânicas e inibições

² “Tanto Abraham (1911) como Freud (1917) haviam começado a demonstrar a prevalência da agressão na psicose maníaco-depressiva e haviam enfatizado que a psicodinâmica dos pacientes psicóticos apontava para uma fase da infância caracterizada por um grau muito elevado de violência. Ambos chamaram esta violência de ‘sadismo’ e ligaram variedades delas às fases orais, anais e genitais do desenvolvimento” (Hinshelwood, 1991/1992, p. 467).

psíquicas no decorrer da maturação desenvolve-se o comportamento sexual normal” (Freud, 1905/1996, p. 218). Por outro lado, podem ser nocivos, destrutivos e patologizantes, formadores de sintomas neuróticos e quadros maníacos, se configurando como “o negativo das perversões” (p. 218).

Dez anos mais tarde, em 1915, no artigo “Os instintos e suas vicissitudes”, Freud (1915/1996a) expande ainda mais o tema, dando a ele um caráter metapsicológico. O autor apresenta e discute toda uma sucessão de mudanças, instabilidades e desequilíbrios que as pulsões podem sofrer e que dariam origem ao funcionamento sadomasoquista.

Em seu discurso, Freud inicia definindo “pulsão” como sendo um representante ideacional inconsciente das forças somáticas e a partir daí nos apresenta as vicissitudes as quais ela estaria sujeita, ou seja, reversão a seu oposto, retorno em direção ao próprio *self*, repressão e sublimação.

Dentre as vicissitudes fala-se de uma em especial: o sadismo original ou primário. O autor esmiúça a dinâmica do sadismo primário na relação mãe-bebê. Além de deixar claras a ferocidade e a violência das projeções do bebê contidas neste processo, elucida a mudança na dinâmica pulsional de ativa para passiva, transformando a sensação prazerosa sádica em masoquismo endógeno (Freud, 1915/1996a).

“Toda descoberta é feita mais de uma vez, e nenhuma se faz de uma só vez” (Freud, 1916/1996, p. 305), assim ocorre com o conceito de sadismo em Freud. Em 1919, em “Uma criança é espancada”, o autor expande suas construções. Confirma a anterioridade do sadismo ao masoquismo: “o masoquismo não é uma manifestação do impulso primário, mas se origina do sadismo que foi voltado contra o eu *self*” (Freud, 1919/1996, p. 209), e nos mostra a função da culpa na passagem da primeira fase sádica da fantasia à segunda fase, a fase masoquista.

O psicanalista, por meio das fantasias de uma criança, demonstra que a consciência da culpa é o fator que transforma o sadismo em masoquismo e a relação deste mecanismo com a formação do superego.

O tema continua a instigar Freud que, em “Além do princípio do prazer” (1920/1996), com o “O problema econômico do masoquismo” (1924/1996) e com “Sobre a sexualidade feminina” (1931/1996) o desenvolve ainda mais.

Muitos outros psicanalistas também se interessam pelo tema. Dentre eles destacamos Klein (1921/1996) e Isaacs (1948/1982). As autoras descobrem, por meio do estudo das atividades inconscientes da vida do bebê recém-nascido, manifestações muito arcaicas de sadismos em suas fantasias inconscientes. Produções fantasiosas inconscientes carregadas de violência, inveja e ódio eram projetadas no corpo da mãe, desde os primeiros dias de vida da criança. A estas dimensões imaginárias Klein nomeia de fantasias orais e sádicas. Para a psicanalista, as tendências pré-edípicas sádico-orais e sádico-anais formariam um superego arcaico.

Contudo, Klein (1927/1981) nos alerta que apesar da importância das fantasias sádico-orais e sádico-anais para a constituição do psiquismo, existem intercorrências que podem transformar o “sadismo constitucional” em um funcionamento sádico criminoso ou parafilico. Dentre eles, a autora aponta a extrema precocidade do sadismo, a exacerbada intensidade sádica ou ainda a contaminação de todo ou de boa parte do aparelho psíquico pela pulsão destrutiva representada pelo sadismo.

A abordagem do sadomasoquismo demonstra grande complexidade, de forma que podemos afirmar que a raiz do sadismo está nas profundezas do humano. Contudo, a transformação deste em uma parafilia reside no desequilíbrio pulsional, no conflito intersubjetivo entre as posições de dominação e submissão e na vulnerabilidade.

Como Freud (1924/1996) afirma: “o princípio do prazer é paralisado, é como se a vida mental fosse colocada fora de ação por efeito de uma droga” (p. 177). Uma grande luz de perigo é acesa, pois o equilíbrio estabelecido entre pulsão de vida e de morte perde seu prumo, e os impulsos mortíferos e destrutivos são superativados e postos a serviço da libido, humilhando, dominando e causando dor a si ou a outrem.

A fruição da dor torna-se a finalidade instintual. Seja na posição sádica seja na posição masoquista, há uma sexualização da dor que frui através do gozo, transformando-se em perversão.

Sadismo como perversão

De todos os animais o homem é o único que é cruel. O único que inflige dor pelo prazer de fazê-lo.

—Mark Twain

Psicanaliticamente compreendida como um “desvio” do instinto envolvendo atipias sexuais, a perversão ou a perversidade também podem ser entendidas como “o caráter e o comportamento de certos sujeitos que demonstram uma crueldade ou uma malignidade singulares” (Laplanche & Pontalis, 1982/2001a, p. 341).

Desidentificada das autoridades demoníacas da Idade Média, a perversão está intimamente ligada à crueldade, à maldade, à desumanidade, ao totalitarismo e ao gozo sádico. Como nos fala Roudinesco (2008): “Ela encena o carrasco e a vítima, o senhor e o escravo, o bárbaro e o civilizado” (p. 11).

Abjeta ou sublime, de acordo com a referida autora, a perversão representa uma parte obscura de nós mesmos que, uma vez ativada, poderá se transformar em atos transgressivos, nefandos e cruéis para consigo mesmo ou para com pessoas estranhas. Tais metamorfoses levam a uma espécie de negativo da liberdade, ou seja: “aniquilamento, desumanização, ódio, destruição, domínio,

crueldade e gozo” (Roudinesco, 2008, p. 11).

Transformada em um distúrbio de identidade, uma delinquência ou um desvio, a perversão pode se desdobrar em múltiplas facetas, estando entre elas as pedofílias, zoofílias, práticas de atos de terrorismo, totalitarismo e escravismo.

Green (1993/2010) nos elucida sobre a instalação de núcleos perversos na estrutura psíquica através de feridas narcísicas. O autor destaca a função desobjetalizante desencadeada pela pulsão de morte e nos alerta para o trabalho do negativo, que vai muito além da esfera do eu, pois, imbuído dos efeitos permanentes da pulsão de morte, usa das atividades de desligamento e desorganização para subverter as pulsões eróticas, levando o que sobrou do ego para um estado de limbo psíquico, abrindo espaço para as psicoses e perversões.

A um desejo concebido usualmente como “perverso” acrescenta-se o temor de vê-lo assumir proporções de uma onda que varreria tudo o que se interpusesse entre ele e sua satisfação sem limite – transferindo então a perversão, como que para deslocá-la e voltá-la contra ela mesma, para aquele que decreta sua proibição. (Green, 1993/2010, p. 139)

Se pudermos citar alguns exemplos deste aspecto mortífero do homem, ao longo dos tempos, nos ateremos à fruição do gozo sádico nos massacres aos intelectuais do Camboja (1975-1979), aos alemães no Leste Europeu (1945), ao genocídio armênio e à caminhada da morte na Turquia (1915), ao genocídio em Bangladesh (1971), ao holocausto judaico (1939-1945), ao massacre da revolução maoísta (1958-1969), ao massacre no Congo Belga (1890), entre tantos outros assassinatos em massa responsáveis por milhões de mortes.

Seja por meio da escravidão, de guerras ou de outras hecatombes desencadeadas por questões econômicas, raciais, territoriais, religiosas ou afetivas, o princípio fundante do caráter destrutivo no humano está em seu cerne. Contudo, a evolução deste

para uma perversão sádica se deve a uma vicissitude pulsional, na qual os instintos agressivos e destrutivos encontram-se fundidos com elementos libidinais, sendo eles derivados da pulsão de dominação, de agressão e de destruição, ou seja, da pulsão de morte; pulsão que está ligada à compulsão e à repetição que desobjetalisam e desumanizam o homem, levando-o ao caos ético, moral, físico e psíquico³.

Considerações finais

Lupus est homo homini.

–Plautus

O homem é o lobo do homem.

–Thomas Hobbes

Freud (1915/1996b), ao refletir sobre os tempos de guerra e morte, afirma que: “a essência mais profunda do homem consiste em impulsos instintuais de natureza elementar... esses impulsos não são nem bons nem maus. Sua expressão será classificada de acordo com as exigências e necessidades humanas” (p. 290). Tais impulsos primitivos passam por um longo processo de desenvolvimento, podendo se transformar, mediante fatores internos e externos, em comportamentos civilizados, altruístas e piedosos, ou em comportamentos incivilizados, egoístas, perversos e cruéis.

Anos mais tarde em *O mal-estar na civilização* (1930/1996), o pai da Psicanálise deu maior ênfase à presença maciça do

³ O sadismo enquanto componente agressivo autonomizado e exagerado da pulsão sexual é considerado por Freud (1905/1996) como elemento que faz parte do indivíduo desde o seu nascimento, ou seja, “inato”. Assim vemos nesta citação: “Que a crueldade e a pulsão sexual estão intimamente correlacionadas é nos ensinado, acima de qualquer dúvida, pela história da civilização humana, mas no esclarecimento desta correlação não se foi além de acentuar o fator agressivo da libido. Segundo alguns autores, essa agressão mesclada à pulsão sexual, é na realidade, um resíduo de desejos canibalísticos e, portanto, uma coparticipação do aparelho de dominação, que atende à satisfação de outra necessidade ontogeneticamente mais antiga” (pp. 150-151).

comportamento incivilizado e a seus malefícios na sociedade e no homem, dando margem para outros estudos como o de Roudinesco (2008), que afirma: “Freud partilhava com Sade, mesmo sem saber; a ideia segundo a qual a existência humana caracterizava-se menos por uma parição ao bem e à virtude que pela busca de um permanente gozo do mal, pulsão de morte, desejo de crueldade” (p. 99).

Situações não faltam no passado e no presente que confirmem as construções psicanalíticas sobre o funcionamento sádico e masoquista. A crueldade e o prazer no mal não acabaram nem no nível particular nem no global. Como Freud (1930/1996) afirma:

O homem é o lobo do homem. Via de regra, essa cruel agressividade aguarda uma provocação, ou se coloca a serviço de um propósito diferente, que poderia ser atingido por meios mais suaves. Em circunstâncias favoráveis, quando as forças psíquicas que normalmente a inibem estão ausentes, ela se expressa também de modo espontâneo, e revela o ser humano como uma besta selvagem que não poupa os de sua própria espécie. (p. 105)

Freud (1930/1996) fala em hostilidade primária do homem, nos levando a pensar em um caráter inato da agressividade e da violência humana. Ele afirma:

Reconheço que no sadismo e no masoquismo sempre vimos as manifestações, fortemente mescladas com o erotismo, do instinto de destruição voltado para fora e para dentro, mas já não entendo que pudéssemos ignorar a onipresença da agressividade e destrutividade não erótica, deixando de lhe conceder o devido lugar na interpretação da vida. (p. 113)

Freud (1930/1996) acreditava que somente a cultura poderia amenizar os efeitos destrutivos da pulsão de morte na humanidade, ou seja, de sua condição de auto e heteroaniquilamentos. A renúncia ou a

desconstrução das pulsões destrutivas invariavelmente conduziriam o homem para o encontro da moral e da ética. A sublimação, a justiça, a responsabilidade, a liberdade e a superação entrariam em combate com o crime, a autodestruição e a morte, sobrevivendo a educação, a lei e a civilização, ou seja, a cultura humana.

Os escravagistas e os tiranos encarnam a perversão sob a forma mais abjeta possível. Não há afeto nem empatia com o outro; o pensar era e é raso, sem profundidade, havendo somente o gozo pelo mal. O aparelho de pensar, como nos fala Bion (1962/1994), está inundado por elementos β (beta), restando apenas instintos e sensações de prazer na dor. Os “pensamentos selvagens imperam não havendo a domesticação” dos mesmos. Eles pervertem e atuam sadicamente pela ausência da razão, ou seja, da função α (alfa); a mesma função que ilustra a ética e que ilumina os caminhos do progresso e do humano.

O presente estudo termina corroborando a ideia de que a escravidão é uma manifestação da crueldade sádico-masoquista no humano. Demonstra que ela não acabou, apenas se modernizou. O escravismo persiste ao longo dos séculos, apesar do desenvolvimento tecnológico e científico que a humanidade vem tendo. Nesse cenário, o mais preocupante é a omissão e a negação do fato, pois sinaliza um retrocesso do humano e do Estado na busca por justiça.

Apesar disso, não podemos nos esquecer de que não é possível libertar-se do escravismo sem antes libertar-se do cativo intrapsíquico.

Esclavitud: un crimen sin fronteras—una expresión de la crueldad sádica de la criatura humana

Resumen: el presente trabajo posee el objetivo de reflexionar al respecto de uno de los factores psíquicos que desencadenan y sostienen a la esclavitud: la crueldad sádica. Para eso, en el comienzo se realiza un breve relato sobre “la esclavitud en el

Atlántico” y la “esclavitud moderna”. Enseguida, se abordan desde dos ángulos el sadismo que fue descrito por Freud (1915/1996a), o sea, el primario y el perverso, cuyo núcleo es la crueldad, la destructividad y la pulsión de muerte. Luego y siguiendo el estudio realizado se retorna al “desvío” pulsional denominado de perversión. A partir de los estudios de Freud, Arendt y Roudinesco se buscan elementos que sean capaces de aclarar el funcionamiento perverso, el mantenimiento del mismo y el goce, así como la irresponsabilidad y la banalidad que acompañan al mal practicado en la esclavitud, en guerras, masacres y holocaustos. Por **último** se cuestiona el trinomio: cultura, progreso y mantenimiento de la barbarie en la esencia del hombre contemporáneo.

Palabras clave: esclavitud; crueldad sádica; sadismo primario; perversión.

Slavery: a crime without borders – an expression of the sadistic cruelty of the human creature

Abstract: the present work aims at reflecting on one of the psychic factors that unchain and sustain slavery: the sadistic cruelty. In order to do so, a brief report is initially made about “slavery in the Atlantic” and “modern slavery”. Next, two angles of sadism described by Freud (1915/1996a) are approached: the primary and the perverse, whose core is cruelty, destructiveness and the death drive. Going on with the study, the drive “deviation” named perversion is retaken. As from the studies of Freud, Arendt and Roudinesco, elements are sought in order to clarify the perverse functioning, its maintenance and enjoyment, as well as the irresponsibility and banality that permeate the evil practiced in the slavery in wars, in massacres or in the holocausts. Finally, the trinomial is questioned: culture, progress and the maintenance of barbarism, in the essence of contemporary man.

Keywords: slavery; sadistic cruelty; primary sadism; perversion.

Referências

- Ainda existe escravidão no país, diz Raquel Dodge, em Londres. (2018, 25 de janeiro). *O Globo*. <http://glo.bo/3r8kacN>
- Alves, C. (2010). Vozes d'África. In *Vozes d'África*. Escrita Fina. (Trabalho original publicado em 1870)
- Alves, C. (2016). O navio negreiro. In *O navio negreiro: primórdios do fantástico brasileiro*. Editora Ex Libris. (Trabalho original publicado em 1869)
- Arendt, H. (2012). *Origens do totalitarismo: antisemitismo, imperialismo, totalitarismo* (R. Raposo, Trad.). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1973)
- Arendt, H. (2018). Carta de Hannah Arendt a Gershom Scholem. In H. Arendt & G. Scholem, *Tradicón y política: correspondencia 1939-1964* (L. Malding, Trad.). Editorial Trota. (Trabalho original publicado em 1961)
- Bíblia de Jerusalém* (8a ed.). (2012). Paulus.
- Bion, W. R. (1994). Uma teoria sobre o pensar. In *Estudos psicanalíticos revisados: second thoughts* (J. Salomão, Trad., pp. 127-138). Imago. (Trabalho original publicado em 1962)
- Dodge chora e diz que combate ao trabalho escravo é prioridade do MPF. (2018, 6 de fevereiro). *Proteção*. <https://bit.ly/3gYhVV3>
- Freud, S. (1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 7. Um caso de histeria, Três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)* (J. Salomão, Trad., pp. 119-229). Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (1996a). Instintos e suas vicissitudes. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 14. A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)* (J. Salomão, Trad., pp. 123-146). Imago. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (1996b). Reflexões para os tempos de guerra e morte. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 14. A história do movimento*

- psicanalítico, Artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)* (J. Salomão, Trad., pp. 285-297). Imago. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (1996). Conferência XIX: resistência e repressão. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 16. Conferências introdutórias sobre psicanálise (parte III) (1915-1916)* (J. Salomão, Trad., pp. 293-308). Imago. (Trabalho original publicado em 1916)
- Freud, S. (1996). Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 17. Uma neurose infantil e outros trabalhos (1917-1918)* (J. Salomão, Trad., pp. 193-220). Imago. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (1996). Além do princípio do prazer. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 18. Além do princípio de prazer, Psicologia de grupo e outros trabalhos (1920-1922)* (J. Salomão, Trad., pp. 13-75). Imago. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (1996). O problema econômico do masoquismo. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 19. O ego e o id e outros trabalhos (1923-1925)* (J. Salomão, Trad., pp. 175-188). Imago. (Trabalho original publicado em 1924)
- Freud, S. (1996). O mal-estar na civilização. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 21. O futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931)* (J. Salomão, Trad., pp. 65-148). Imago. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (1996). Sobre a sexualidade feminina. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 21. O futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931)* (J. Salomão, Trad., pp. 231-254). Autêntica. (Trabalho original publicado em 1931)
- Green, A. (2010). *O trabalho do negativo* (F. Murad, Trad.). Artmed. (Trabalho original publicado em 1993)

- Hinshelwood, R. D. (1992). Sadismo. In *Dicionário do pensamento kleiniano* (J. O. A. Abreu, Trad., pp. 466-467). Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1991).
- Isaacs, S. (1982). Natureza da função da fantasia. In M. Klein, P. Heimann, S. Isaacs, & J. Riviere, *Os progressos da psicanálise* (A. Cabral, Trad., pp. 79-135). Zahar. (Trabalho original publicado em 1948)
- Klein, M. (1981). Tendências criminosas em crianças normais. In *Obras completas de Melanie Klein: Vol. 1. Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)* (E.M. Rocha Barros, L. P. Chaves, Trad., pp. 199-227). Imago. (Trabalho original publicado em 1927)
- Klein, M. (1996). O desenvolvimento de uma criança. In *Obras completas de Melanie Klein: Vol. 1. Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)* (E.M. Rocha Barros, L. P. Chaves, Trad., pp. 21-75). Imago. (Trabalho original publicado em 1921)
- Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. L. (2001a). Perversão. In *Vocabulário de psicanálise* (P. Tamen, Trad., 4a ed., pp. 341-344). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1982)
- Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. L. (2001b). Sadismo. In *Vocabulário de psicanálise* (P. Tamen, Trad., 4a ed., pp. 465-469). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1982)
- Nietzsche, F. (2008). Primeiro livro. In *Aurora: reflexões sobre preconceitos morais*. Vozes. (Trabalho original publicado em 1881)
- Organização das Nações Unidas. (1948). *Declaração universal dos direitos humanos*. <http://bit.ly/2WvBs5A>
- Pinsky, J. (2018). *A escravidão no Brasil: As razões da escravidão, Sexualidade e vida cotidiana, As formas de resistência*. Contexto. (Trabalho original publicado em 1988)
- Previdelli, A. (2013, 22 de outubro). Os países com os maiores números de escravos atualmente. *Exame*. <http://bit.ly/34qczN8>
- Rosenberg, B. (2003). *Masoquismo mortífero e masoquismo guardião da vida* (C. Gambini, Trad.). Escuta. (Trabalho original publicado em 1991)

Roudinesco, E. (2008). *A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos* (A. Telles, Trad.). Zahar.

Walk Free Foundation. (2018). *The Global Slavery Index 2018*. Perth. <https://bit.ly/3ovZiL4>

Diva Aparecida Cilurzo Neto

Endereço: Alameda Franca, 267/92. São Paulo/SP.

CEP: 01422-000

Tel.: (11) 3285-0040

E-mail: dilurzo@terra.com.br